

# Luto por perdas não legitimadas na atualidade

GABRIELA CASELLATO (ORG.)



*LUTO POR PERDAS NÃO LEGITIMADAS NA ATUALIDADE*  
Copyright © 2020 by autores  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Campos**  
Capa: **Alberto Mateus**  
Imagem de capa: **Ekaterina Khudina/Shutterstock**  
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

## **Summus Editorial**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

<b>PREFÁCIO</b> .....	9
Maria Julia Kovács	
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
Gabriela Casellato	
<b>1 LUTO E IDENTIDADE</b> .....	25
Gabriela Casellato	
<b>LUTOS DO SER</b>	
<b>2 O LUTO PELA PERDA DE UM IRMÃO</b> .....	38
Luciana Mazonza e Valéria Tinoco	
<b>3 LUTO MASCULINO</b> .....	54
Rafael Stein	
<b>4 O LUTO EM FAMÍLIAS DE INDIVÍDUOS QUE FOGEM AOS PADRÕES HETERONORMATIVOS</b> .....	58
Vinicius Schumacher de Almeida e Viviane D'Andretta e Silva	
<b>5 ANJO AZUL</b> .....	73
Joelma Avrela de Oliveira	
<b>6 O LUTO NO AUTISMO: VISÃO DE UM PAI</b> .....	84
Marcelo Roberto de Oliveira	
<b>7 A PERCEPÇÃO DA MORTE E DO LUTO POR UMA ADULTA PORTADORA DA SÍNDROME DE DOWN</b> .....	91
Gabriela Casellato e Elisa Costa Barros Silva	
<b>8 SOBRE ELISA</b> .....	102
Vera Lúcia Cabral Costa	

## **LUTOS DO ESTAR**

### **9 LUTO DOS IMIGRANTES . . . . . 108**

Aparecida Nazaré de Paula Jacobucci e Paula Abaurre Leverone de Carvalho

### **10 A VIDA POR UM FIO: LUTO NO ADOECIMENTO PELO CÂNCER. . . . . 120**

Elisa Maria Perina e Alessandra Oliveira Ciccone

## **LUTOS DO CUIDAR**

### **11 QUANDO SE NEGA A DOR POR CAUSA DA FÉ: MORTE E**

#### **LUTO NA VIDA DE UM SACERDOTE CATÓLICO . . . . . 144**

Francisco de Assis Carvalho

### **12 LUTO DA EQUIPE DE CUIDADOS PALIATIVOS. . . . . 167**

Daniela Achette, Paula da Silva Kioroglo Reine e Ingrid Maria (Mia) Olsén de Almeida

### **13 ÓRFÃO DE TERAPEUTA: COMO LIDAR COM ESSA PERDA . . . . . 177**

Claudia Petlik Fischer

### **14 O LUTO DO CUIDADOR INFORMAL DO PORTADOR DE ALZHEIMER . . 188**

Vera Anita Bifulco

## **ENGAJAMENTO SOCIAL: DO SILÊNCIO À AÇÃO**

### **15 DO LUTO AO INFINITO . . . . . 198**

Tom Almeida

### **16 VAMOS FALAR SOBRE O LUTO? . . . . . 205**

Cynthia de Almeida

### **17 LUTO NA INFERTILIDADE APÓS TENTATIVAS**

#### **SUCESSIVAS DE TRATAMENTO. . . . . 215**

Eliane Souza Ferreira da Silva, Hélia Regina Caixeta, Juliana Sales Correia e

Simone Maria de Santa Rita Soares

### **POSFÁCIO – OS LUTOS DE UMA PANDEMIA . . . . . 231**

Gabriela Casellato

## Prefácio

O PROCESSO DE LUTO se inicia em situações em que há perdas significativas por morte ou em circunstâncias em que, mesmo que não haja uma morte concreta, o impacto é o mesmo do que se houvesse. A pergunta que se ouve frequentemente é: o enlutado tem direito de sentir o que está sentindo? Em boa parte das vezes, ele é estigmatizado porque está à margem de fronteiras estabelecidas pela sociedade. Valem mais as convenções sociais do que os sentimentos das pessoas em sofrimento.

A dor da perda é o preço que se paga pelo amor, afirma o especialista em luto Colin Murray Parkes (1998) em suas reflexões sobre crises e emergências. Tais situações envolvem acontecimentos graves e geram incertezas; nelas, não sabemos como vamos continuar a viver – nem se voltaremos à “normalidade”. Anestesiá-lo esse processo oferece alívio rápido, mas a anestesia da consciência não favorece a elaboração das perdas. Parkes ressalta que o medo está ligado à perda do mundo conhecido, seguro e confiável – o mundo presumido. A pandemia da Covid-19 é um exemplo disso. O planeta, a nossa casa, a rua, o contato com amigos, tudo mudou radicalmente, de forma abrupta, deixando incertezas sobre o futuro em todas as dimensões da vida. Valores básicos, como a saúde, ficaram seriamente ameaçados. O medo de morrer assola a todos; cada tosse, espirro, calafrio ou alteração respiratória traz angústia. Convive-se com o terror de ser contaminado sem que haja vagas no serviço de saúde. E, quando morre alguém, ficamos impedidos, pois perdemos o direito de

velar a pessoa querida, de garantir rituais respeitosos, de fazer as despedidas no velório. Todos, inclusive profissionais de saúde, estão assustados: ninguém sabe como cuidar de outrem sem colocar em risco a própria vida.

Esse grande temor diante das perdas pode levar ao não envolvimento como forma de proteção, o preço para não sofrer. Só que assim se blinda também a vida. A elaboração da perda acarreta sofrimento, mas também novas adaptações e reorganizações, que ajudam a rever sentimentos. Para Franco (2010), a crise das perdas implica um desequilíbrio entre as demandas e os recursos existentes para lidar com a situação.

Os profissionais que escrevem neste livro trazem experiências de escuta atenta, em que se suspendem julgamentos, avaliações, classificações e diagnósticos. A escuta valoriza a empatia e a compaixão, e seu trabalho com enlutados os ajuda a elaborar suas experiências.

O luto é uma experiência universal. Todos já vivemos perdas significativas cuja elaboração não se encerra: vai se transformando. Os primeiros lutos são vividos na infância, quando aprendemos a duras penas que a morte é irreversível, que as pessoas que morrem não mais existirão de forma presencial. Isso ocorre mesmo em situações em que não houve morte, como separações, mudanças de país, de cidade, de escola – ou qualquer outra que implique alterações significativas da vida.

Vários autores embasam os conhecimentos atuais sobre luto, os quais passaram por vários paradigmas, envolvendo fases, sintomas, questões psicossociais e culturais, assim como outros aspectos relevantes. Uma das referências presentes em diversos capítulos é Kenneth Doka (2002), que se referiu aos processos de luto que, mesmo com todo o sofrimento da perda, não eram reconhecidos nem legitimados, causando sofrimento adicional. Lembremos que os lutos ocorrem em uma sociedade, cultura e época, que dão os contornos a uma experiência singular. Falar de seus sofrimentos para uma pessoa atenta é experienciado pelo enlutado como

essencial. Escrever sobre as perdas e sua elaboração permite ressignificações importantes tanto para o autor quanto para o leitor.

Para Colin Parkes (1998), a ruptura do entorno confiável e a perda das figuras de apego é o que mais assusta. Há os que sentem que praticamente morreram também, os que desejam se reunir com a pessoa amada e aqueles que acham que não conseguirão viver sem ela. Uma nova identidade precisa ser constituída, sendo necessária a adaptação à existência sem a pessoa, num ambiente desconhecido e inseguro. A vida do enlutado não é fácil, principalmente numa sociedade que exige eficiência, força, pragmatismo e felicidade a todo custo. O luto não elaborado pode gerar várias formas de adoecimento, desejo de morrer, comportamentos autodestrutivos e suicídio. O não reconhecimento desses movimentos psíquicos causa sofrimento adicional quando se exigem mudanças, superação e força. O processo de luto necessita de tempo, reclusão, introspecção; porém, a sociedade demanda rapidez e sentimentos positivos, forçando uma situação capaz de criar grandes conflitos, sobretudo no ambiente de trabalho. Cabe ressaltar que, em nosso país, não temos leis nem políticas públicas para os enlutados.

Um grande problema desta época é entender o luto como doença. Houve grandes discussões quando a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), sistema de organização das doenças psiquiátricas, considerou o tempo de luto um elemento para o diagnóstico de depressão. O luto tem, para cada um, seu tempo de elaboração e formas singulares de expressão. As pessoas enlutadas devem ser cuidadas de acordo com o nível de desorganização e desequilíbrio que uma perda significativa provoca nelas. O luto é uma crise de grande intensidade, mas não se caracteriza como doença. Afirmá-lo como patologia pode ser uma forma de distanciamento do sofrimento – por meio de medicação ou internação –, o que traz mais dificuldades para aqueles que já estão estigmatizados por várias condições de vulnerabilidade e fragilidade.

O luto não autorizado não é aceito nem reconhecido publicamente. Nesse não reconhecimento observa-se a falta de empatia, que precisa ser resgatada, como afirma Gabriela Casellato (2013, 2015), autora e organizadora desta obra. A dor é silenciosa, mas também silenciada. A validação do sofrimento é essencial; precisa ser realizada com a escuta atenta e acolhedora de pessoas próximas e também pelos terapeutas, principalmente quando o reconhecimento não ocorre nem mesmo pelo enlutado. Às vezes, são valores e crenças familiares que dificultam o processo de aceitação.

O processo de luto é moldado pelo entorno da sociedade. No seu extremo, resulta em um padrão ou “etiqueta social”. Para esse padrão, que pode e deve ser questionado, propõe-se certa intensidade de choro; se for demorado, será criticado ou julgado. Os enlutados que parecem fortes são valorizados. Os padrões sociais desconsideram as singularidades, tão importantes no processo de luto. O que importa é ver as características adaptativas de cada pessoa, que a auxiliam na crise que uma perda significativa provoca. Divergências de padrões estabelecidos podem levar a diagnosticar formas singulares de elaboração do luto como patológicas ou disfuncionais. Num país como o Brasil, com sua extensão e suas características regionais, não há como pensar em um modo brasileiro de expressão do luto. Há diferenças também se considerarmos ambientes urbanos e rurais, classes sociais, gênero e questões familiares. Um exemplo clássico é o de que “homens não choram”; nessa situação, eles podem adoecer, porque acreditam que não devem expressar seus sentimentos, sendo os primeiros convocados a tomar providências quando ocorre o óbito e a assumir a responsabilidade pela reestruturação da vida. A síndrome do coração partido e distúrbios cardíacos por vezes são resultado dessa falta de cuidado.

O processo dual do luto demanda cuidar dos sentimentos diante da perda e engendrar esforços para reestruturar a vida sem a pessoa querida. É preciso favorecer os dois caminhos. Os cuidados psicológicos devem levar em conta se a elaboração dos



sentimentos e os esforços para a retomada da vida têm espaços equivalentes. O exagero em uma dessas dimensões pode dar aos emotivos a ideia de que são frágeis e vulneráveis; e aos que buscam a reestruturação após a perda, de que são frios e insensíveis. Cada polaridade tem sua importância; ambas são complementares e precisam ser reconhecidas. Entre casais, amigos, pai, mãe e filhos, mais do que contestação, a compreensão é necessária.

Este livro ressalta as situações em que as perdas são consideradas ambíguas porque não fica claro o que está sendo perdido. Não se trata somente de perdas ligadas à morte, mas daquelas que envolvem aspectos significativos para cada pessoa e, justamente por isso, levam ao luto – muitas vezes, infelizmente, não reconhecido. A falta de reconhecimento torna a ajuda ainda mais necessária. Um exemplo expressivo dessas perdas ocorre quando um indivíduo desaparece e seu corpo não é encontrado. Observamos essa situação nos crimes ambientais como os de Mariana e Brumadinho e também em acidentes aéreos, enchentes e outros desastres coletivos. Ela foi frequente nos tempos da ditadura; até que a morte dos desaparecidos fosse confirmada, os enlutados oscilavam entre o choro pela perda e a esperança do reencontro.

O luto não autorizado é o exemplo do fracasso da empatia, como apontam vários capítulos desta obra, e começa pela própria pessoa, quando não se autoriza ao sofrimento. O luto pode não ser autorizado por vergonha, por um estilo de evitação ou para não provocar um confronto com a sociedade e os familiares, que em muitos casos não respeitam o processo de cada um dos seus membros. Refletir sobre essas situações é muito importante para alargar o que se entende por luto, já que não é só a morte concreta que leva a esse processo. Não se trata de buscar classificações ou diagnósticos para evidenciar patologias, mas de legitimar o sofrimento daqueles que vivem perdas – para que sejam cuidados e, assim, tenham sua dor amenizada.

A obra ressalta a importância de ampliar a reflexão sobre o luto, sobre quem se enluta, sobre as questões que devem ser levadas em

conta em cada caso. São apresentadas opções de cuidado em várias modalidades, o que pode inspirar profissionais e voluntários na criação de novas ações em hospitais, escolas, universidades e templos, entre outros. Tais iniciativas abrem espaço em sites, blogues, teatros e outros locais para que mais pessoas possam se reunir para conversar, compartilhar, compreender e cuidar.

Parabéns a todos os autores que se expuseram, trazendo suas experiências pessoais e suas formas de ação. Profissionais, terapeutas e professores compartilharam aqui conhecimentos teóricos, reflexões e ações de cuidado em várias esferas. E parabéns, Gabriela Casellato, pela organização deste livro, que conta com temas relevantes por vezes desconhecidos e não autorizados, ampliando de forma significativa os estudos sobre o luto. Como digo sempre, um bom mestre aprende com seus discípulos, e mais uma vez é o que acontece. Muito aprendi lendo estas linhas e assim espero que aconteça com cada leitor.

MARIA JULIA KOVÁCS

Professora livre-docente sênior do Instituto de Psicologia da USP  
Abril de 2020, de quarentena pela Covid-19

#### REFERÊNCIAS

- CASELLATO, G. (org.). *Dor silenciosa ou dor silenciada: perdas e lutos não reconhecidos*. São Paulo: Polo Books, 2013.
- \_\_\_\_\_. (org.). *O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido*. São Paulo: Summus, 2015.
- DOKA, K. *Disenfranchised grief: new directions challenges and strategies for practice*. Illinois: Research Press, 2002.
- FRANCO, M. H. P. “Por que estudar o luto na atualidade”. In: FRANCO, M. H. P. (org.). *Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade*. São Paulo: Summus, 2010.
- PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998.

# Introdução

ESTA OBRA, A TERCEIRA que organizei sobre o tema do luto não reconhecido e suas implicações, envolveu um processo extremamente rico e comovente de aprendizado com os meus colaboradores, entre eles alguns amigos, colegas de profissão e outras tantas pessoas incrivelmente bonitas com as quais minha trajetória profissional me presenteou. Trata-se de uma obra permeada de relatos profundos e sinceros de pessoas que dividiram suas histórias de vida e de perdas. Histórias que nos ensinam sobre o enfrentamento, na maioria dos casos aqui citados, solitário. Tais relatos são entremeados com textos de profissionais muitíssimo competentes que acumularam experiência prática, sobretudo em clínica e hospital, no suporte aos indivíduos que encontraram na escuta formal um acolhimento significativo para seus lutos e uma oportunidade de reconstrução para suas narrativas. Este livro é um convite a refletir sobre nossa impermanência, as mudanças da vida e os lutos necessários aos ajustamentos das transições normativas ou não, concretas ou simbólicas, experimentadas ao longo de nossa existência. Em especial, aborda como as perdas silenciosas e não validadas são enfrentadas por tantas pessoas diariamente.

Depois de quase duas décadas mergulhada no tema dos lutos não reconhecidos (a primeira edição da primeira das obras que organizei a respeito foi publicada em 2005), constato com satisfação que o cenário brasileiro acerca das intervenções de suporte aos enlutados teve um desenvolvimento significativo de serviços

especializados espalhados por todo o país, com profissionais capacitados oferecendo diferentes níveis de suporte, da prevenção ao tratamento, presencial e on-line. Entre os serviços, observo dezenas deles dedicados ao cuidado de perdas simbólicas e/ou ambíguas, gerando um senso de pertencimento efetivo para aqueles que até então sofriram em silêncio.

Ainda há muito por desenvolver, mas a mudança desse cenário se deve a diversos fatores, entre eles a informação que visa à desestigmatização. Se as três obras que organizei nesse intervalo e com a ajuda imprescindível de tantos e excelentes colaboradores puderam contribuir para tais mudanças, sinto a paz e o senso de realização de um propósito cumprido.

Ao terminar esta leitura, o leitor entenderá que, quando tudo muda, muda tudo, mesmo que tal processo seja invisível aos olhos ou deslegitimado socialmente.

## **UM PANORAMA DA OBRA**

Diante do primeiro esboço do livro, percebi que havia uma sutil mas importante categorização dos temas abordados, os quais foram definidos a partir do cenário contemporâneo social. Atualmente, reflexões e debates desafiadores acerca de questões negligenciadas ou estigmatizadas que sustentam alguns dos vínculos citados nesta obra – como a homossexualidade, o autismo ou até mesmo as questões culturais contemporâneas referentes ao gênero – precisam também ser discutidos no que tange à ruptura desses elos e seus consequentes lutos. Enquanto isso, outros vínculos aqui mencionados – como a relação paciente-terapeuta, sacerdotes e comunidade, infertilidade, imigrantes e cuidadores formais e informais – ainda são absolutamente ignorados socialmente, inclusive pelos próprios enlutados.

Por essa razão, o livro começa com um capítulo que discute o papel da identidade social no enfrentamento dos lutos e como

esta é afetada quando experimentamos um luto não reconhecido. Assim como outros conceitos relacionados com esse assunto e explorados nas obras anteriores (Casellato, 2005; 2015), entender o papel da identidade é essencial para compreender os tipos de luto aqui discutidos, bem como para desenvolver estratégias eficientes de intervenção psicossocial com a população enlutada.

Assim, os temas foram surgindo e, quando organizamos a estrutura do livro, visualizamos certa categorização acerca das diferentes naturezas dos lutos não reconhecidos. Os assuntos foram divididos nas categorias que apresento a seguir.

#### **LUTOS DO SER**

Muitos são os lutos relacionados com as perdas experimentadas desde o início da vida do indivíduo ou da pessoa amada. Diante de tantos desejos, expectativas, fantasias e projeções parentais acerca dos filhos, muitos são os lutos vividos de forma silenciosa quando um indivíduo nasce com características diferentes das esperadas pelo seu contexto familiar e cultural. O silêncio que dita a não validação das diferenças silencia também a dor desses enlutados.

No Capítulo 2, minhas queridas parceiras de vida e de projetos Valéria Tinoco e Luciana Mazorra, com as quais tenho imenso orgulho de compartilhar a direção do 4 Estações Instituto de Psicologia, apresentam uma revisão impecável sobre o luto fraterno, tão negligenciado em relação ao luto parental diante da perda de crianças, adolescentes e adultos. Em nossa experiência clínica, observamos uma enorme dificuldade de validação não só das famílias mas da comunidade em geral, incluindo os profissionais de educação e da saúde mental, que tendem a minimizar o impacto do luto no desenvolvimento global de irmãos.

Em seguida, com seu depoimento, Rafael Stein nos permite compartilhar de suas reflexões acerca do luto pela viuvez precoce, após a qual assumiu o cuidado exclusivo de dois filhos pequenos. Cheio de sensibilidade e amorosidade, ele nos toca o coração e nos

permite conhecer melhor o impacto do isolamento diante das expressões masculinas do luto – o que nos dá a oportunidade de desconstruir ideias preconcebidas acerca do modo de expressar do homem, bem como de questionar nossa tendência de minimizar sua dor em razão do seu estilo de expressão, que se deve muito mais às regras culturais impostas à identidade masculina do que ao sofrimento psíquico gerado pela perda. Vale destacar que o próprio Rafael, mergulhado em seu sofrimento, pôde se questionar sobre o impacto de tais “regras” sociais em seu dia a dia como enlutado.

No quarto capítulo, Vinicius Schumacher de Almeida e Viviane D’Andretta e Silva corajosamente abordam o luto pelo rompimento da heteronormatividade vivenciado pela população LGBTQIA+ e seus familiares. Em tempos de lutas sociais e políticas pela validação social dessas pessoas, torna-se fundamental apontar que o estigma e o preconceito vividos em torno dessa questão ainda estão muito amarrados na dificuldade das famílias para lidar com o luto inerente à quebra dessa heteronormatividade. São muitas as dimensões que fomentam tais dificuldades, mas todas implicam a elaboração diante do que se perde quando se constata que um membro da família não corresponde a tudo que ele mesmo e seus familiares esperam dele, expondo todos os envolvidos às reações de julgamento e preconceito com relação à não heterossexualidade.

Entre os tantos presentes que a profissão me deu, o encontro com Joelma Avrela de Oliveira é, sem dúvida, um dos mais marcantes. Nós nos conhecemos num evento científico que abordava o tema do luto. Minha palestra versava sobre o luto não reconhecido, e na ocasião eu procurava ansiosamente por uma família que aceitasse compartilhar sua experiência diante da chegada de um filho portador de autismo. Eu conhecia muitas que vivenciavam essa situação, mas nenhuma se mostrava disposta a escrever sobre o assunto. Os espaços de informação e troca de experiências que hoje existem, sejam presenciais ou virtuais, são mais orientados para favorecer o ajustamento da família às especificidades impostas pela síndrome. O que chama

atenção é que um efetivo ajustamento não é possível se não houver um tempo e um espaço (psicológico e social) para o luto do filho idealizado, inerente a todo e qualquer processo de preparação para a paternidade e a maternidade. Ao fim da palestra, Joelma se aproximou de mim, apresentou-se com toda sua doçura e me fez seu relato, totalmente tocada pela constatação de que se tratava de uma longa e solitária história de luto. Ali mesmo o convite para escrever o capítulo nasceu, sem nenhuma dúvida de que ela e o marido, Marcelo Roberto de Oliveira, que nos presenteia com o Capítulo 6, teriam muito a agregar a esta obra e a tantos outros pais que vivenciam o mesmo processo solitariamente. Sou eternamente grata por esse encontro.

Vera Lúcia Cabral Costa é dona de uma história desafiadora. Poucos teriam os recursos que ela encontrou para se ajustar ao diagnóstico de síndrome de Down no nascimento de sua filha mais velha e, anos depois, num intervalo de poucos meses, ao falecimento dos pais e da segunda filha. Quando cuidei de Vera, num processo psicoterapêutico logo após o falecimento de sua filha Helena, tive a honra de também aprender com ela. Vera não só encontrou recursos para enfrentar seus lutos como mostrou ser uma sustentação emocional fundamental para sua filha mais velha, Elisa, que teve espaço e validação para se enlutar pela irmã. Desse rico processo nasceu a ideia de dar voz à experiência dessa dupla incrível. O relato de Elisa Costa Barros Silva, no Capítulo 7, foi colhido por meio de entrevista e, no capítulo seguinte, encontramos um lindo depoimento de Vera. Elisa nos presenteia com seu olhar para a morte da irmã e nos conta um pouco sobre suas percepções acerca dos recursos de enfrentamento que encontrou. Já Vera generosamente compartilha seu olhar acerca do luto de Elisa, entremeado com sua experiência de mãe enlutada.

#### LUTOS DO ESTAR

São inúmeros os lutos relacionados com perdas experimentadas por dada condição desenvolvida no transcorrer da vida.

Buscamos explorar nesta obra alguns temas que não foram abordados nas anteriores (Casellato, 2005, 2015), mas tendo a certeza de que muitos outros também deveriam ser contemplados.

As psicólogas Aparecida Nazaré de Paula Jacobucci e Paula Abaurre Leverone de Carvalho apresentam uma excelente revisão teórica dos tantos lutos concretos e simbólicos experimentados pelos imigrantes ao deixar para trás referências biográficas, relacionamentos e rotinas para se ajustar a um novo contexto, nem sempre por decisões deliberadas e motivações positivas. No texto, as autoras nos presenteiam com depoimentos fundamentais para a compreensão desse fenômeno.

No décimo capítulo, Elisa Maria Perina e Alessandra Oliveira Ciccone apresentam os lutos inerentes ao adoecimento por câncer. Elisa é uma psicóloga que carrega significativa experiência profissional acompanhando crianças e suas famílias durante a internação para tratamento em hospitais. Alessandra, psicóloga especialista em intervenções com enlutados, tem realizado lindas parcerias com Elisa no suporte psicológico a essas famílias. Nesse capítulo, encontramos uma revisão excelente do impacto da doença e de suas especificidades nas diferentes faixas etárias.

#### **LUTOS DO CUIDAR**

Sempre procurei dar voz ao luto de profissionais cuidadores formais e informais. Isso porque observamos em nossa prática uma grande desvalorização desse tipo de vínculo – e, conseqüentemente, dos lutos advindos da perda de pacientes, o que gera um impacto na saúde mental dos cuidadores. Torna-se, portanto, imperativo continuar validando esses lutos visando à prevenção da saúde, bem como gerando melhores condições para a promoção dos cuidados oferecidos por esses profissionais.

Porém, quando pensamos em cuidadores, raramente nos lembramos dos religiosos. Francisco de Assis Carvalho, sacerdote e psicólogo, apresenta um capítulo profundo e tocante sobre o



enfrentamento da morte e o luto silencioso dos sacerdotes católicos. Quem tem fé não está imune à dor. Quem acolhe merece e precisa ser acolhido.

No capítulo 12, Daniela Achette, Paula da Silva Kioroglo Reine e Mia Olsén de Almeida, experientes psicólogas que preparam equipes multiprofissionais especialistas em cuidados paliativos, abordam com muita competência os lutos vividos por essas equipes e os possíveis caminhos de prevenção e de cuidado adotados em sua trajetória profissional.

E quando nosso terapeuta falece? Sim, nossos cuidadores são mortais e tanto eles como nós praticamente ignoramos essa condição. Claudia Petlik Fischer reflete sobre os órfãos de terapeutas e sobre como podemos nos preparar para oferecer ao paciente enlutado condições mais seguras e éticas de seguir seu luto, que precisa ser validado, bem como garantir cuidados éticos em torno do trabalho interrompido pela morte do terapeuta.

Em seguida, a psicóloga Vera Anita Bifulco aborda o luto do cuidador informal de pacientes portadores de Alzheimer. Cuidar de um ente querido que aos poucos vai sendo afetado por uma doença que lhe confere tantas perdas neurológicas é um desafio. Somado ao fato de serem cuidadores exclusivos e por longos anos, estamos falando de uma população que vive um longo e complexo luto antecipatório de forma solitária e sobrecarregada. Há anos Vera segue sensível à questão, oferecendo espaços de acolhimento psicossocial voluntário a esses cuidadores.

#### **ENGAJAMENTO SOCIAL: DO SILÊNCIO À AÇÃO**

Abriremos aqui espaço a capítulos relacionados a ações sociais desenvolvidas para dar voz aos lutos e enlutados estigmatizados e silenciados cuja dor não foi ouvida nem validada socialmente. Eles não só merecem um lugar no livro como recebem uma categoria específica. Foram apresentados três serviços com propostas completamente diferentes, mas que possuem algumas funções em comum:

1. criaram um espaço (físico ou virtual) para falar da perda;
2. favorecem a validação do luto e o compartilhamento de experiências;
3. promovem encaminhamentos e orientações de apoio ao enlutado.

O primeiro é o Festival inFINITO, idealizado por Tom Almeida, que, diante dos seus lutos pessoais, resolveu dar voz a milhares de pessoas. Acima de tudo, Tom escancara a morte de forma criativa, ética e multidisciplinar, levando o assunto até para a mesa de jantar das famílias brasileiras.

O segundo serviço apresentado é conduzido por uma equipe de pessoas que resolveram, a partir de seus lutos pessoais, dar voz aos de outras tantas por meio da narrativa. O Vamos Falar sobre o Luto é apresentado, no Capítulo 16, por uma de suas idealizadoras, a jornalista Cynthia de Almeida, que nos conta a trajetória do grupo e o processo de ouvir tantas histórias. Nesse caso, fica explícito que dar voz a um enlutado também nos permite ecoar nossos lutos e dores. A palavra, aqui, torna-se a grande ferramenta de libertação e transformação de muitos dos que por ali deixam suas histórias.

Por fim, com muito embasamento teórico e prático, uma equipe de especialistas fala sobre como é dedicar-se a acolher mulheres que enfrentam o luto pela infertilidade, depois de sucessivas tentativas de fertilização. Eliane Souza Ferreira da Silva, Hélia Regina Caixeta, Juliana Sales Correia e Simone Maria de Santa Rita Soares criaram o site Quando a Árvore Não Dá Fruto – Apoio à Infertilidade. Focado nesse público, sua finalidade é acolher, validar e apoiar as mulheres que carregam no corpo o luto de forma silenciosa e solitária.

#### **O LUTO SEM PRECEDENTES**

E, então, quando o livro já estava pronto, nosso mundo presumido e nossa organização prévia foram chacoalhados pela chegada da

violenta pandemia do novo coronavírus. A experiência de medo e o luto coletivo da população mundial isolada em casa, independentemente de condições culturais, geopolíticas ou socioeconômicas, compõem, sem dúvida, um luto sem precedentes.

No posfácio, apresento reflexões acerca dos tantos lutos tangíveis e intangíveis relacionados com o enfrentamento da pandemia pela Covid-19, bem como descrevo algumas ações de caráter preventivo e de apoio direcionadas a esses enlutados. Entregar um livro sem falar sobre isso seria, para mim, um contrassenso diante do tema central desta obra.

Como se pode ver, este livro assume a coragem e a motivação de tratar temas contemporâneos a serem enfrentados por uma sociedade que avança em muitos sentidos, mas ainda necessita de informação para desconstruir mitos e conceitos acerca do que e de quem merece ou não ter validação e acolhimento social. Ainda precisamos evoluir no esforço empático e no suporte psicossocial aos mais vulneráveis. Esperamos que esta obra seja um instrumento para esse processo.

GABRIELA CASELLATO

#### REFERÊNCIAS

- CASELLATO, G. (org.) *Dor silenciosa ou dor silenciada? – Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade*. Campinas: Livro Pleno, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido*. São Paulo: Summus, 2015.

# 1. Luto e identidade

*Gabriela Casellato*

“Quem eu sou no mundo?  
Ah, esse é um grande quebra-cabeça!”  
(LEWIS CARROLL)

## **LUTO: UMA TRANSIÇÃO PSICOSSOCIAL**

Como mostra Santos (2017), os estudos sobre o luto evoluíram de uma visão mais centrada na sintomatologia e nas reações de pesar (Freud, 1953) para outra mais complexa, multifacetada e subjetiva do impacto da perda no indivíduo enlutado (Parkes, 1998; Nadeau, 1997; Neimeyer, 2001; Klass e Walter, 2001; Stroebe, 2008; Stroebe, Hansson e Schut, 2008; Stroebe e Schut, 1999 e 2001).

Nesse cenário acadêmico, a teoria do apego, desenvolvida por John Bowlby (1969, 1973, 1980, 2004), foi especialmente relevante para a compreensão contemporânea do fenômeno do luto. Segundo essa abordagem, o luto é uma resposta a um vínculo rompido, não apenas à morte de uma pessoa significativa. Trata-se de uma resposta instintiva, revestida de aspectos e influências internalizados resultantes da aprendizagem social e do contexto cultural do indivíduo afetado. Portanto, uma reação determinada pela interinfluência dos aspectos biológicos, intrapsíquicos e sociais de cada indivíduo inserido em dado contexto histórico e social. Embora seja uma reação universal, também é singular e subjetiva.

Atualmente, a narrativa e o contexto da perda são aspectos considerados extremamente relevantes para avaliar seu impacto na pessoa afetada. Isso porque se considera o processo de luto como sendo experimentado de várias dimensões, inclusive o universo psicossocial do indivíduo, visto ser um processo de ajustamento a